

“ESCOLA NOVA”

OSCAR THOMPSON

“La pédagogie nouvelle doit être fondée sur l'observation et l'expérience; elle doit être avant tout expérimentale dans l'acceptation scientifique du mot.”

ALFRED BINET.

Lemos de um folego a «Technica da Pedagogia Moderna», com o sub-título de «Theoria e Practica da Escola Nova», de autoria do professor dr. Everardo Backheuser, presidente da Confederação Catholica Brasileira de Educação.

Sua leitura nos satisfaz plenamente, pois s. s. fez uma bella synthese da nova orientação escolar.

Está de parabens a bibliographia pedagogica brasileira pelo apparecimento de tão notavel livro de propaganda da Escola Nova.

Prestou o dr. Backheuser ao nosso movimento pedagogico e ao professorado brasileiro um excellente serviço, empenhando o seu grande preparo intellectual, servido por admiravel formação religiosa e catholica no nobre esforço de coordenar, primeiro, as linhas geraes da nova doutrina, e de estudar, depois, á luz de uma logica empolgante, o espirito que anima a Escola Nova, até mesmo nos seus pontos secundarios. Não sabemos se da leitura da obra em apreço resultará aos outros leitores um

sentimento de admiração igual ao nosso, em face da capacidade do autor a quem cabe de pleno direito a consagração de introductor da Escola Nova no Brasil. Não ha nenhum favor neste conceito: ninguem deu, entre nós, noção mais clara da Escola Nova, ninguem lhe prérgou os postulados com mais fé, ninguem revelou confiança mais robusta nos seus destinos.

Através das paginas do seu livro, o illustre universitario afirma-se catechista seguro da nova orientação pedagogica. Exposição magistral de quem, conhecendo a fundo o assumpto, não tem em mira alardear erudição, mas convencer, dissipar prevenções, systematizar.

* * *

Quem se der ao trabalho de ler attentamente a «Technica da Pedagogia Moderna» não deixará de sentir-se empolgado pelos capitulos que descrevem, com abundancia de informação, a escola e o lar, principios cardeaes da escola sob os prismas pedagogico, philosophico, psychologico e politico, e outros de grande in-

teresse para os que se dedicam ao estudo das questões de ensino.

Passando em revista os triumphos da Escola, que com tanto entusiasmo estuda no presente volume, dib o dr. Backheuser (pag. 62):

«A Escola Nova veiu da iniciativa particular. Só recentemente os governos estão tomando conta della para impolla e tornal-a obrigatoria.

Pestalozzi, o grande precursor do moderno movimento educacional agiu em estabelecimento particular. Do mesmo modo, as «new-schools» inglezas, onde se esboçou o typo do ensino em voga hoje em dia. Da mesma sorte na Allemanha. Dos famosos Landerziehungslaime do dr. Lietz em Hamburgo á escola de Paul Geheeb a agitação se manifesta em estabelecimentos particulares ou pelos menos são fructos da iniciativa privada. Até agora os governos do Reich e dos diversos paizes que o formam ainda não acceitaram a escola nova: continuam experimentando-a em varias das suas Versuchschulen. Do mesmo modo, nos Estados Unidos a iniciativa privada tem predominio conhecido. Na Austria, o poder publico limitou-se a perfilhar a Reforma Educacional. Perfilhou-a — note-se bem a palavra — porque a idéa da sua adopção partiu do proprio corpo professoral: o movimento galgou do magisterio até o conselho de ministros. Sua acceitação foi, pois, verdadeiramente, um movimento popular. A École des Roches em França é particular, como particular é o estabelecimento da rue de l'Ermitage em Bruxellas, onde Decroly ensaiava seu methodo. Ferrière e seu grupo fazem na Suissa, tentativas em «laboratorios» não officiaes. A escola nova não está imposta em nenhum desses paizes. Em

nenhum paiz. Perdão, está sendo imposta na Russia.

Em seguida, em interessantes capitulos, discorre sobre a coeducação dos sexos, sobre a escola neutra e leiga, sobre a pedagogia e sciencias correlatas, e outros assumptos de grande importancia são tambem estudados á luz de um alto espirito critico mas constructor. Nada se perde no livro. Tudo é bem escripto e bem discutido. Critica elle vehementemente o veso brasileiro das reformas de ensino, veso que está contaminando São Paulo, e sobre tal assumpto pedimos venia para transcrever estes trechos (pag. 64):

«... o que se tem dado no Brasil em questões educacionais é do dominio publico, e o magisterio official bem sabe disso de sciencia propria. De quadriennio em quadriennio, ou de semestre em semestre, ou de trimestre em trimestre, são feitas renovações no methodo, nos processos, no proprio regimen educativo, renovações que aniquilariam tudo se não fôra a valiosa contribuição da inercia. A inercia, e tomamos a palavra no sentido mathematico, isto é, como a força do habito antigo — é quem tem salvo o Brasil de maiores males educacionais.

Na confusão actualmente reinante em quasi todos os Estados o ensino publico não pôde ser modelo. Os professores officiaes sabem quanto lhes é difficil agora o magisterio, pela instabilidade das leis e pela instabilidade das theorias de educação.

Quão doloroso seria — ou terá de ser! — o spectaculo de balburdia educacional quando tambem os collegios particulares — o pouco estavel que ainda nos resta — tiverem de entrar na sarabanda convulsa das adaptações e das remodelações.»

* * *

A Escola Nova, ao procurar outros rumos para a educação, despertou nos seus fundadores, ou melhor, nos seus propagandistas correntes mais accentuadas por esta ou aquella feição social do mundo: assim, uma é francamente comunista, e seu escopo é inocular na alma infantil germes revolucionarios, e os ideaes da seita sobre a Terra e o Capital; outra (naturalista), que se fulcra no respeito exagerado aos impulsos infantis, na sua liberdade sem peias, onde o mestre não passa de méro auxiliar do alumno; e, ainda, uma terceira, cujo fim é dar maior atenção ao desenvolvimento da habilidade manual do educando.

Todas estas correntes são concordes quanto á eliminação de programmas e horarios; batem-se pelo «locadismo» e pela cultura da iniciativa, da cooperação e do viver na vida, para a vida e pela vida.

A Escola Revolucionaria, tambem conhecida como **Escola Russa**, é de cunho **Internacionalista**; a Allemã, procesando-se em experiencias de caracter particular, revela tendencias accentuadamente **Nacionalista**.

As mais fortes correntes se abonam com os nomes de Dewey, socialista, que liga maior atenção ao desenvolvimento do espirito de cooperação; o de Decroly (para alguns educadores e esta a corrente principal, o «pivot» da Escola Nova); seu escopo precipuo é respeitar a liberdade do alumno; e o de Kerschenteiner, que dá preponderancia ao trabalho manual, sob fundamento de que o trabalho operario é o da maioria dos homens.

Releva accentuar que qualquer dessas correntes relega para plano muito inferior o ler, escrever e contar, pois ha «outras coisas» mais importantes a ensinar em primeiro logar.

* * *

O dr. Backheuser, com extraordinaria franqueza, o que é muito para louvar, accentua que a Escola Nova não teve exito entre nós, pois o seu fracasso já se verificou em toda parte.

São delle os topicos que em seguida transcrevemos (pag. 56):

«Mas, allegar-nos-ão ainda alguns observadores brasileiros — e desta vez com toda a razão — «as tentativas de escola nova feitas entre nós, têm sido, em geral, um desastre.»

De accôrdo.

Mas teremos tido nós no Brasil verdadeiramente experiencia de Escola Nova? Onde? Em que condições pedagogicas?

Não conhecemos muitas. A verdade é que aqui ainda não se pratica verdadeiramente a escola nova completa em nenhum estabelecimento publico. As tentativas têm sido frustradas, ou têm sido mal guiadas, ou mal preparadas, ou mal apetrechadas. Feitas á *la diable*, em sua quasi totalidade sem methodo, sem entrar no amago do systema, conduzidas sem persistencia, encerradas antes de tempo, com a só mudança de um director de instrucção, tinham de falhar. E falharam estrepitosamente.

Com o nome de escola nova, foram dadas a conhecer coisas as mais exdruxulas que só serviriam para desmoralizar o infeliz systema que, afinal, não estava sendo executado.»

* * *

Da propria obra do dr. Backheuser resalta que na Europa, tanto como na Norte America, se têm havido tentativas de organização da Escola Nova, as mais sérias se tem effectuado na **esphera do ensino particular**. São experiencias de iniciativa privada, cujos resultados ainda não tiveram definitiva consagração. E' licito, aos prégoeiros da innova-

ção, enveredar segundo os rumos da Escola Nova, e ninguem lhes nega esse direito. Não se perca, porém, de vista que, aqui, em São Paulo, aquillo que se convencionou chamar Escola Tradicional desapareceu logo após o advento da Republica. Quarenta annos depois, os escola-novistas aqui encontraram, em pleno funcionamento, uma organização escolar relativamente perfeita, em continua evolução, acompanhando *pari-passu* os progressos da sciencia de educar.

A Escola Tradicional, como a designam os escola-novistas, tornou-se para estes uma especie de bode expiatorio: é ella a responsavel pelo fracasso das recentes reformas pedagogicas, porque, dizem elles, o professorado não quer deixar a rotina. O dr. Backheuser, perfilhou, de certo modo, esse conceito quando, generalizando, affirma que, do ensino livresco, das noções decoradas, do regimen de oppressão proprio á Escola Tradicional, passou-se bruscamente, entre nós, para o de ampla liberdade, o da iniciativa, da cooperação, de viver na vida, para a vida e pela vida.

Estará s. s. com a razão? Fa-lem por nós os factos.

Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Bernardino de Campos, Cesario Motta, uma notavel pleiade de estadistas da chamada Republica Velha, empresta o seu grande saber e todo o seu valor politico e pessoal em prol da Escola Publica, que sob a impulsão energica, mas affectuosa, de miss Marcia P. Browne aqui iniciou, em 1890, a obra de renovação dos processos didacticos, prestigiada pelo espirito clarividente de Caetano de Campos, director da Escola Normal. O ponto de partida foi uma modesta sala dos fundos da Igreja do Carmo.

Seguindo avisadamente o exemplo de Sarmiento, na Argentina, os primeiros homens de

governo que a Republica teve em São Paulo, buscaram inspirações na experiencia da Norte America. Os novos processos tinham feito as suas provas na afamada escola americana, a cuja frente se achava Horace Lane, de saudosa memoria, e no modelar Collegio Americano, de Piracicaba, sob a direcção prolecta de miss M. H. Watts. Não se fez uma copia servil dos moldes alienigenas. Para adaptal-os ás nossas necessidades especificas, contavamos, então, felizmente, com a capacidade de um Rangel Pestana, que por ser publicista não deixava de ser educador, contavamos com a competencia de João Kopke e Cerydião Buarque, directores da conceituada Escola Neutralidade; e de accôrdo com os dados das suas experiencias pedagogicas no paiz, deram a São Paulo um typo de Escola graduada, — Escola Modelo ou Grupo Escolar, para os centros urbanos, e um typo de escola singular, «Escola Modelo Isolada», para a nossa população infantil da zona rural.

Com organização francamente Pestalozziana, a principio, de ensino intuitivo, integral e graduado, São Paulo acompanhou sempre o movimento progressista que se fazia na Europa e na America do Norte.

Ainda mais: ao abrir suas portas ao publico em 1892, a nossa Escola Modelo distribuiu aos assistentes do acto, em elegantes impressos, os aphorismos de Pestalozzi, que synthetizavam então as novas directrizes educacionais de São Paulo. De Pestalozzi, já dissemos uma vez e ora repetimos, que era um theorico e um pratico de pedagogia.

«Impossivel conceber e comprehender, diz um dos seus biographos, toda a educação popular moderna sem o conhecimento valioso da pedagogia, tão rica e original desse humano educador da humanidade.»

E' interessante, pois, reproduzir hoje os aphorismos extrahidos da sua obra não para mostrar quanto era notavel a sua intuição pedagogica, coisa desnecessaria, mas quanto ás primeiras escolas de ensino reformadas em São Paulo, porfiavam por lhe seguir as pégadas:

«A actividade é uma lei da meninice. Acostumae os meninos a fazer: educae a mão.

Cultivae as faculdades em sua ordem natural; formae primeiro o espirito para instruil-o depois.

Começae pelos sentidos e nunca ensineis a um menino o que elle puder descobrir por si.

Reduzi cada assumpto a seus elementos. Uma difficuldade de cada vez é bastante para uma criança.

Avançae passo a passo. Sêde completo. A medida de uma informação não é o que o professor pôde dar, mas sim o que a criança pôde receber.

Cada lição deve ter um fito, quer immediato, quer remoto. Desenvolvi a idéa; dae depois o termo. Cultivae a linguagem. Procedei do conhecido para o desconhecido; do particular para o geral; do concreto para o abstracto; do mais simples para o mais complicado.

Primeiro a synthese e depois a analyse. Não a ordem do assumpto, mas sim a ordem da natureza».

* * *

Para a execução fiel da doutrina pestalozziana, desde 1892, a musica, as canções populares, os hymnos, a gymnastica, os trabalhos manuaes em papel e cartão, a modelagem, o taboleiro de areia humida, a carpintaria, assim como o ler, o escrever e o contar, e o estudo (sem livros) dos phenomenos physicos e chi-

micos, o estudo da observação, da botanica, zoologia e mineralogia, o estudo da geographia e Historia Patria, a comemoração das festas nacionaes, e a realização das festas das Aves e das Arvores e da Bandeira, e o ensino civico e moral, tudo se achava incorporado num programma integral de ensino.

Em uma de suas obras refere-se Adolpho Ferrière, nestes termos, á influencia de um dos pioneiros da Escola Nova:

«La presence de Mr. F. Bakulé fut le clou du Congrès «International d'Éducation «Nouvelle á Heidelberg, em «1925. Il était venu avec quarante de ses élèves. Ils ont «ouvert la série de conférences «par un concert vocal qui a «laissé á tous les auditeurs une «impression ineffaçable. Ce «choeur d'enfants est unique «en monde.»

Ora, a musica que em 1925 fez tanto successo em Heidelberg, desde 1892, era insinada nas nossas Escolas; e, sob a batuta de João Gomes Junior, tivemos os cantos coraes e os orpheões. E tivemos-os não só na Capital, mas em todo o Estado, e por occasião das grandes datas nacionaes, em festas publicas, eram os nossos córos escolares e canticos patrioticos ouvidos com o maior entusiasmo.

Em 22 de março de 1917, num formoso discurso proferido na Escola Normal, o nosso Bilac disse:

«Ha dezoito mezes, no Theatro Municipal desta cidade, «ouvi, com inolvidavel encantamento, um concerto dos admiraveis corpos coraes da Escola Normal. Houve um momento em que entre dois numeroes da festa, tive a honra «de dizer alguns dos meus pobres versos, no meio de vós, «meus irmãos e minhas irmãs,

«no palco esplendido em que «a vossa mocidade sorria e os «vossos sorrisos brilhavam. «Desci entre vós, pelo declive «do tablado, rampa de corações «em flor, doce vertente em que «rios de graça e de esperanças «rolavam e sussurravam... E «desci enlevado, tonto de musicas divinas. As vossas vozes «tinham expirado no final de «um dos córos.»

Tratando de Giuseppe Lombardo Radice, pioneiro, da Escola Nova na Italia, dá-nos Ferrière, como novidade, esta afirmação:

«il prescrit le dessin libre, comme moyen d'expression tout «d'abord, puis comme initiation á l'art.»

Ora, o professorado paulista sabe que no ensino primario o desenho geometrico tinha sido substituido pelo desenho livre, ao natural, em todas as Escolas do Estado, desde 1904, após o segundo Congresso Internacional de Berne.

Segundo se lê na obra «A Natureza é a verdadeira mestra do desenho» Tadd, durante 25 annos experimentou em diversos cursos o methodo preconizado em seu livro — Art Real Manual Training, Nature Study (1899) — que não é mais do que «o estudo immediato, feito de improviso, depois de alguns exercicios de habilidade manual, sem modelo ou padrão, sem pauta, sem utensilios ou artificio auxiliar para a vista ou para a mão, sobre os seres vivos e sobretudo o que a natureza apresenta aos olhos do observador.»

Citamos somente estes dois casos, o do ensino da musica e o do desenho, porque queremos tão sómente accentuar que S. Paulo estava e continua a estar adiantado em materia de instrucção primaria, e que a chamada Escola Tradicional, tal como era

antes, na Monarchia, não foi conhecida pelas gerações normalistas formadas depois da proclamação da Republica, porque os estadistas já citados não protegeram para mais tarde a questão da reforma do ensino: trataram logo de fazel-a, de modernizar o ensino entregando a sua direcção a homens de notavel competencia como Caetano de Campos e depois Gabriel Prestes.

Este, em companhia de Julio Mesquita, visitava constantemente a Escola Modelo do Carmo. Mais de uma vez solicitou elle do dr. Julio Mesquita, então lider da nossa politica, os melhoramentos de que necessitava o nosso ensino, para acompanhar os progressos lá de fóra.

E naquelle tempo nada existia... Tudo o que hoje admiramos sahiu, pôde-se dizer, do nada.

* * *

Mais de um professor nosso, á sua custa, foi ao estrangeiro estudar o que lá se havia feito de bom em materia de ensino. E voltava satisfeito do serviço escolar de São Paulo.

Não era livresco o nosso ensino, porque ás classes não se davam senão livros de leitura e os alumnos eram constantemente levados a observar a natureza e a sociedade por processos educativos.

Jamais esqueceu a Escola Paulista do trinomio que se integra no educando — intelligencia, sentimento e vontade.

E todos os meios se empregavam para que elle se desenvolvesse harmonicamente, sempre em contacto com o mestre, na classe, no recreio e nas excursões, em plena liberdade de pensamento e de acção.

Adoptava, é verdade, programmas e horarios, mas em fetichismo, como suggestões e guias de ensino; as aulas eram entremea-

das de tal modo que a uma que exigia mais esforço intellectual succedia outra de recreio, de tal modo que o alumno se sentia sempre a gosto na escola. O ensino nesta ministrado era integral, completo, harmonico; e com a criação do gabinete de psychologia experimental, sob a direcção de Ugo Pizzoli, na Escola Normal, cursos de psychologia plicada á educação, não só para alumnos como para professores, já em exercicio, e os typos de educandos começaram a ser estudados, para que nova pedagogia se fulcrasse em bases novas.

A educação vocacional teve ampla acolhida entre nós. E disso tudo nos dá noticia o «Laboratorio de pedagogia experimental», publicado em 1914. A' pagina 9 dessa publicação, diziamos nós: — Uma transformação, porém, está a operar-se, e para esse fim a nossa Escola Normal se aparelha. Deu-se o primeiro passo com a aquisição de meios de estudo e pesquisas que premittem o conhecimento do educando debaixo do ponto de vista scientifico.

Por sua vez as Escolas Normaes do Estado, no intuito de aperfeiçoar o mais que fosse possível o preparo tecnico dos nossos mestres, desdobraram a cadeira unica de Pedagogia, que então existia, em tres outras — pedagogia propriamente dita, psychologia experimental e methodologia.

A guerra européa, porém, paralysoo o movimento pedagogico paulista e o grande plano de alphabetização geral, assim com o plano que se elaborava para incrementar a educação physica em todos os municipios e mais um terceiro para o estabelecimento de Escolas Profissionais por todos os recantos do Estado, algumas até ambulantes.

Tudo isso foi adiado, mas achava-se estudado e preparado para ser executado na presidencia fecunda do dr. Altino Arantes e

do seu illustre secretario, o dr. Oscar Rodrigues Alves.

Marchava-se nessa rota com os olhos voltados para o grande futuro de São Paulo, lentamente, é verdade, mas com firmeza.

Nossas escolas serviam de modelo aos outros Estados. Tudo se processava no sentido de ter São Paulo um systema de educação paulista, fructo de suas experiencias e das necessidades educativas de seus filhos. Portanto, a chamada Escola Nova não veio encontrar São Paulo mumificado na malsinada Escola Tradicional, de braços cruzados e indifferente ao progresso pedagogico.

Não é exacto dizer que na nossa Escola Publica primeiro lia-se, depois escrevia-se, mais tarde contava-se e só por ultimo se aprendiam outras coisas.

Previdentes, como foram os nossos estadistas, crearam, em cada Escola Normal, escolas-modelo onde as novas idéas pedagogicas pudessem ser estudadas e praticadas e só depois de seu exito no terreno pratico viessem a ser diffundidas, disseminadas nas outras escolas.

Pretendiam assim os nossos estadistas que a pedagogia paulista acompanhasse com firmeza e segurança o progresso scientifico e pedagogico do mundo.

Externando-nos desta fórma, não estamos censurando a quem quer que seja, pois somos tambem escola-novistas, sabendo muito bem que a escola publica tem de acompanhar, sob pena de desaparecer, o progresso scientifico, aliás sem perder de vista as condições e necessidades peculiares da vida social.

A Escola Nova não poderá ter no emtanto grande successo emquanto o nosso ensino publico primario não tiver sinão uma duração de 4 annos com 3 horas diarias, havendo a lhe perturbar a efficiencia tão grande numero de feriados.

* * *

Somos, creia-nos o dr. Bäckheuser, um escola-novista não filiado a nenhuma das correntes conhecidas, porque para nós uma larga experiencia no meio brasileiro, — sociedade, natureza, professor e alumno — é que ha de decidir o que se poderá innovar entre nós com successo.

Assim, somos pela adaptação da Escola Nova e não pela sua adopção.

Não devemos perder de vista que a escola, principalmente a Escola Publica, é creada para o povo em geral, e este repelle, in limine, muitos postulados da Escola Nova que, no emtanto, adaptados com intelilgencia poderão satisfazer plenamente os recalci trantes.

A victoria da Escola Nova, segundo se nos afigura, depende

principalmente do factor tempo, o tempo necessario para o longo trabalho de adaptação dos novos moldes pedagogicos ao nosso meio.

Felizmente para nós, São Paulo possui um professorado á altura da sua missão. A elle incumbe conservar com orgulho as tradições paulistas de pioneiro do ensino no Brasil.

Neste momento em que o mundo está sendo sacudido por profundas reformas sociaes, que tanto têm desunido os homens, fazemos votos para que a Escola Paulista, sob sua bemfazeja bandeira conserve coheso o seu professorado illustre, como a maior força moral posta ao serviço da evolução social e como brazão o mais expressivo da grandeza bandeirante.

(Do «Correio Paulistano»)

DELGADO DE CARVALHO

MAURICIO DE MEDEIROS

Acabo de saber da morte, em Paris, de Delgado de Carvalho. Sua longa ausencia do Brasil o fez pouco conhecido nos ultimos tempos. Era, entretanto, um brasileiro digno de uma grande estima. Professor, por concurso, do Collegio Pedro II e do Collegio Militar, um bello dia desfez-se dos seus cargos e foi viver em Paris, uma vida simples, modesta, de correspondente de jornaes, de professor, de traductor. Nunca mais voltou á sua patria. Tinha por ella, entretanto, um grande amor, que mal encobria através da sua constante ironia para as coisas da vida.

Conheci-o em casa de meu irmão, Medeiros e Albuquerque, de

quem elle foi um amigo fraterno pela vida inteira. Não sei mesmo até que ponto a noticia da perda de seu velho amigo não lhe terá diminuido a esplendida resistencia organica.

Foi sempre para mim um motivo de curiosa observação a amizade ininterrupta desses dois grandes espiritos, porque, sem favor, a intelligencia, a cultura e o caracter de Delgado o faziam emparelhar em valor com Medeiros. Se o destino lhe deu vida menos brilhante, foi elle quem escolheu e fixou esse destino.

Dois grandes espiritos ligados por intensa amizade e afastados, no emtanto, um de outro por um infinito de qualidades.

Eichler e Urban, com a colaboração de mais de duzentos auxiliares especializados em vario genero e varia technica.

A victoria do mundo moderno repousa nos conhecimentos, porque o homem já perdeu a mania de dominar a natureza — que o tem rudemente castigado por essa velleidade — e hoje comprehende que é preciso harmonizar-se com ella e conhecê-la profundamente para que ella o ajude na tarefa immortal de seu aperfeiçoamento.

Meritoria seria a resolução do governo, que nomeasse uma comissão de homens sabios para estudar o assumpto da continuação da *Flora Brasiliensis*, obra que poderia attingir uma extensão inverosimil — inverosimil principalmente por constituir materia de sciencia natural, sem palavras inuteis ou destinadas á simples recreação do espirito.

Ha um pequeno perigo, entretanto, na divulgação do grande tratado botânico conhecido pelo titulo de *Flora Brasiliensis*: é o perigo de despertar nos povos que não nos conhecem bem, o desejo de, a seu turno, virem «descobrir o Brasil». Mas, o perigo é apenas de inconsequentes abor-

recimentos. Porque não é provavel que os povos fortes de hoje pensem em applicar-nos os processos que applicaram ás Indias, quando outrora souberam que ella era rica em especiarias. Apesar da nossa displicencia, dos nossos excessos de acolhimento — muito da nossa indole — nós somos alguem no concerto das nações. Accusam-nos de não pagar o que devemos — e 'esses mesmos accusadores acabam de fazer, solennemente, a declaração de que não podem pagar as suas prestações da divida da grande guerra.

Não temos dinheiro — e não sabemos se as outras nações que pagam o têm — mas temos formidaveis recursos.

Essas coisas, antes de saber que temos a mais rica flora do mundo, o mundo já sabia.

E' preciso que taes recursos sejam explorados — e tal exploração será uma nova descoberta. Façamos, porém, um proposito: não deixemos que os outros, por méro interesse, continuem a descobrir-nos todos os dias. Continuemos nós mesmos a descobrir o Brasil...

(Do "Correio Paulistano").

DO DESENHO INFANTIL

ABNER DE MOURA

A exposição de desenhos infantis, patrocinada, nesta Capital, pela Sociedade Paulista de Bellas Artes, não se apresentaria com intenções artisticas, de lado possível revelação de vocações prematuras. Outros meritos se evidenciam nella, todavia. Lembremos um: contribuir para despertar, em meio ao olvido votado aos recursos educativos actuaes

entre muitos progenitores — um pouco de attenção aos instrumentos de apprendizado moderno.

Abriu-se á observação principalmente daquelles que meditam os fundamentos da educação infantil. Urge, porém, levar, para visital-a, tolerancia paternal, boa vontade de mestre ou visão de psychologo. A quem se apresentasse ali, com outra mentalidade,

aquelles manipanços, «massudos» e gatafunhos possuiriam uma só face, a jocosa (com perdão do sr. Portinari).

O graphismo infantil passou a constituir capitulo de relevo na psychologia moderna, importando, pois, assumpto de trato obrigatorio para paes e educadores.

Não seriam, precisamente, producções artisticas as que se exhibem nesse «salão» original; expressões graphicas de pensamento, dir-se-á melhor. O desenho na criança deve ser assim considerado — uma linguagem. Por isso mesmo elle perdeu, na escola primaria, a feição antiquada de materia a mais num programma pre-traçado, e se arma, hoje, em instrumento de aprendizado manejavel, segundo exigencias de qualquer instante.

Na infancia é o desenho simples, synthetico, logico de mais, como os da humanidade primitiva. Sua logicidade o faz aber- rar de canones consagrados da arte. Embora. O que não convém nunca é mutilar nelle a espontaneidade.

Liberdade á criança e se aproximará instinctiva da natureza. Ella mesma eleja, em consequencia, os motivos de sua pequena «arte», inspirando-se no que «viu», sentiu, palpou e dramatizou.»

Estamos com a melhor doutrina? Estaremos, por certo, com: Decroly, Madame Artus Perrelet e Victor Mercante. E, errar com mestres desse tomo, ainda seria das coisas agradaveis da vida.

(Do "Correio de São Paulo").

O FIM DO ARREPENDIMENTO

COSTA REGO

O grande inventor Santos Dumont era um timido. A repercussão de sua gloria, esta só comparavel, nos tempos modernos, á de Edison, não modificou esse traço de seu temperamento; e nem mesmo a intensa vida social, a que foi obrigado, em Paris, pela immensidade de provas de consideração com que o Exito o festejava, nada jamais o libertou do vicio antigo, de apagar-se, quando a Fama, ou a simples amabilidade de um circumstante, o cumulava de affeições admirativas.

Era que Santos Dumont possuía uma vida interior sem transbordamentos. Aquelle homem tenaz, que resolvera os dois maiores problemas da navegação ae- rea — a dirigibilidade e o mais

pesado que o ar — parecia con- finar o seu espirito no pequeno limite de sua estatura.

Foi, nos ultimos annos que viveu, um desencantado — um desencantado precisamente (é singular!) de sua descoberta.

O caso veio, sabe-se da applicação do aeroplano como arma de guerra.

Quando a efficiencia dessa arma ficou provada e logo se viu que ella, com um minimo de riscos, produzia um maximo de perdas, Santos Dumont, além de timido, sensivel, tomou-se de uma especie de arrependimento. Não era aquelle o destino que elle sonhara para a machina de voar.

Alguns annos mais tarde, Bran- ly, irritado diante dos ruidos de um apparelho receptor de radio-